

PARTE 3
LITERATURAS AFRICANAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

DOSSIÊ
AGOSTINHO NETO



AQUELE POR QUEM SE ESPERA: A TENSA RECEPÇÃO LITERÁRIA DO DISCURSO POÉTICO-IDEOLÓGICO DE AGOSTINHO NETO NA CONTEMPORANEIDADE

*Iris Maria da Costa Amâncio**

RESUMO

Em 2002, comemoraram-se os 80 anos de Agostinho Neto. Neste artigo, analiso o percurso da literatura angolana em seu papel de mediadora das ambivalentes formas de releitura/reescrita do perfil heróico do autor de **Sagrada esperança**.

Palavras-chave: Agostinho Neto; **Sagrada Esperança**; Perfil heróico; Africanidade.

Por gerações e gerações tua obra será continuada,
As crianças balbuciarão ao nascer o teu nome...
(Jofre Rocha)

A articulação literatura/história/memória/construção da nação, fio construtor/conductor do bojo literário angolano, evidencia, desde os anos 40, o acentuado tom libertário que, por muitas vezes, emoldura a atuação de alguns sujeitos históricos, na condição de heróis nacionais. Dentre eles, encontra-se António Agostinho Neto.¹ O ápice da consolidação de sua exemplaridade se efetiva em **Sagrada esperança**, sua coletânea poética, publicada em 1975.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Nascido em 17/9/1922, Agostinho Neto, filho de professores e missionários religiosos, trabalhava, quando jovem, como funcionário dos Serviços de Saúde de Angola em várias frentes por todo o território, até deixar o

DA PRODUÇÃO ESTÉTICA AUTOBIOGRÁFICA...

A leitura de *Sagrada esperança*² permite perceber a constância de um procedimento em especial: a produção de poemas em que se confere especial destaque ao interlocutor, uma vez que são diretamente voltados para o mesmo e/ou acompanhados por dedicatórias. O primeiro deles, “Adeus à hora da largada” (1974), inaugura exemplarmente uma pequena, porém significativa, série de textos voltados explicitamente para diversos interlocutores, em sua pluralidade.

Por um lado, o poema destina-se a “todas as mães negras/ cujos filhos partiram” para um viver sem vida, ou seja, às mães (ou à África-Mãe) que profunda e desesperadamente sofreram com a ida de seus filhos para o trabalho forçado e para a morte, durante o período colonial. Por outro lado, Agostinho Neto inicia seu leitor em um universo de atrocidades decorrentes da ação avassaladora da metrópole portuguesa, que condenava os angolanos à servidão, ao medo e ao silêncio. Portanto, nesse poema inicial de *Sagrada esperança*, Neto revela a seu leitor o contexto sobre o qual fala e de onde fala:

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além onde não chega a luz eléctrica.
(Neto, 1985, p. 35)

país, em 1947, quando passou a frequentar a Faculdade de Medicina de Coimbra, onde se envolveu em atividades sociais, políticas e culturais promovidas por jovens da Casa dos Estudantes do Império. Tais envolvimento, mais tarde também ocorridos em Lisboa, levaram-no por muitas vezes à prisão. Definitivamente libertado em 1957, após forte pressão internacional por meio de carta assinada por intelectuais europeus muito prestigiados na época, como Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, Aragon, François Mauriac e o poeta cubano Nicolás Guillén, regressou a Luanda em 1959, assumindo a chefia do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, fundado em 1956 como forma de unificação dos movimentos libertários lá existentes. Preso novamente em 1961, foge de Portugal para Léopoldville (Kinshasa), de onde logo é expulso devido ao fato de a República do Zaire (Congo) apoiar a Frente Nacional de Libertação de Angola – FNLA, a qual, em 1975, paralelamente à União pela Independência Total de Angola – Unita, declara guerra ao MPLA, para que a Frente, de cunho fundamentalista/tribalista, e não o Movimento, proclamasse a independência do país, já que, para ambas, as lutas representavam uma resistência das massas populares, ao contrário do MPLA, composto predominantemente por intelectuais mestiços da cidade. Tal disputa interna deu início ao massacre que até os dias de hoje assola a população angolana.

² Essa obra foi publicada pela primeira vez na Itália, com o título *Com occhi ausciutti* (Com os olhos secos). Milão: II Saggiatore, 1963.

O contexto de que fala Neto é o de opressão, de injustiças e de dor. Diante desse quadro e da revolta por ele provocada, o poeta estabelece um confronto discursivo ao optar por inverter os papéis sociais e, conseqüentemente, subverter a suposta ordem e a verdade estabelecidas pelo colonizador. Assim, o locutor enuncia:

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
sou aquele por quem se espera.
(Neto, 1985, p. 35)

Ao transportar a esperança do plano do divino para o da realidade, o poeta transita da contemplação à ação, isto é, da condição de paciente na “mística esperança” à de agente daquilo que por todos é esperado: a independência política, a liberdade de expressão. Neto assume, literariamente, o espaço de liderança que se auto-confere – e que lhe é estrategicamente conferido naquele contexto –, incitando o interlocutor angolano a sentir-se encorajado e com poder bastante para lutar contra o sistema que o oprime e reprime.³ Todavia, Neto não fala somente por si, na condição de representante máximo de seu povo; sua atitude messiânica, embora centralizadora, une sua voz à de seus conterrâneos, fato que pluraliza seu discurso e faz com que sejam ativadas as matrizes culturais que lhes são comuns, como é possível perceber nos seguintes fragmentos:

Sou eu minha mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida.
(Neto, 1985, p. 35)

A equivalência “Sou eu/ somos nós” evidencia para o leitor o caráter coletivo dessa enunciação. Tendo essa coletividade múltiplas vozes, é natural que a palavra, ainda que em seu uso ordinário ou em português padrão, esteja carregada de várias significações. Assim, a palavra é tornada tensa, uma vez que a enunciação poética – em sua pluralidade – atua poderosamente sobre o enunciado da força opressora. Segundo Mikhail Bakhtin (1997),

³ Essa atitude de luta contra uma força totalizadora é bem caracterizada por Michel Foucault (1972) em suas considerações sobre o papel dos intelectuais frente ao poder. Segundo o filósofo, denunciar o poder opressor corresponde a uma luta porque, quando isso ocorre, o discurso dos oprimidos confisca o poder de fala opressora, com o fim de revelar à sociedade a sua versão – o outro lado – da história. E qualquer pessoa que se encontrar sob o jugo do poder poderá iniciar a sua luta, onde quer que esteja, entrando, assim, no processo revolucionário.

É assim que o narrador se torna herói. Quando o mundo dos outros, em seus valores, tem autoridade sobre mim, assimila-me enquanto outro (claro, nos momentos em que ele pode, precisamente, ter autoridade). (Bakhtin, 1997, p. 168)

Sob essa perspectiva, “Adeus à hora da largada” apresenta-se como um poema exemplarmente direcionado para um interlocutor de fato plural: a terra natal, África-Mãe e seus filhos. O poeta não furta o leitor comum ou desavisado de uma noção geral do contexto de sua produção. Além disso, revela um sujeito menos observador que protagonista ao lado de seu povo, que faz irromper sua voz messiânica, carregada de uma outra esperança – a sagrada esperança. Ainda, o poema permite a inferência de que o locutor objetiva produzir uma solidariedade revolucionária a partir do momento em que o autor sensibiliza seus leitores na língua do colonizador por meio do uso de estratégias textuais que, em alguns momentos, minam os procedimentos tradicionais de composição poética portuguesa. Tais aspectos conferem aos poemas de Neto um caráter estético-ideológico voltado para a construção de um devir. Nesse sentido, constata-se que a postura do locutor deixa transparecer uma atitude constante e explicitamente voltada para seus interlocutores, a qual pode ser percebida, no universo sociocultural angolano, ora como estratégia para envolver o povo/leitor, ora como herança de um procedimento ancestral que, a meu ver, também evidencia um dos aspectos bastante característicos, se não o mais, do contexto literário angolano e africano – a oralidade, conforme se verifica em “Fogo e ritmo”:

Fogueiras
dança
tam-tam
ritmo

Ritmo na luz
Ritmo na cor
Ritmo no som
Ritmo no movimento
Ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços
Ritmo nas unhas arrancadas
Mas ritmo
ritmo

Ó vozes dolorosas de África.
(Neto, 1985, p. 139-140)

Além dessa proximidade com o universo cultural angolano, tal interação reforça o caráter coletivo dos momentos de enunciação literariamente construídos por Neto. Tamanha foi a relação entre as lutas de libertação – história, portanto – e a escrita de textos literários (e vice-versa) que poemas de Agostinho Neto, como “Havemos de voltar”, por exemplo, foram amplamente divulgados e cantados como hinos de guerra, arma a impulsionar o povo angolano rumo à liberdade:

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente

Outubro de 1960
("Havemos de voltar", 1985, p. 148-149)

A figura de Agostinho Neto evidencia-se, no contexto angolano, como modelo épico, político e também literário. Em minha análise dos processos de interlocução presentes na poesia de Neto,⁴ evidenciei, dentre muitos, alguns interlocutores-chave a quem Neto/locutor – ora político, ora poeta, ora homem comum africano – se dirigia: o povo angolano em seu ato heróico, os heróis nacionais, a África-Mãe e o próprio ser africano. Tomando exemplarmente alguns poemas, é possível perceber, nos versos de Neto, por um lado, a comunhão do locutor com o compromisso de libertar o negro angolano da realidade que o oprime:

A ti, negro qualquer
meu irmão do mesmo sangue
Eu saúdo!

(...)

Esta é a hora de juntos marcharmos
corajosamente
para o mundo de todos
os homens

Recebe esta mensagem
como saudação fraternal
ó negro qualquer das ruas e das sanzalas do mato
sangue do mesmo sangue
valor humano na amálgama da Vida
meu irmão
a quem saúdo!

1950 ("Saudação", 1985, p. 84-85)

Por outro lado, revela-se também a proximidade do sujeito poético com o heroísmo dos que lutaram pela independência do país, em "O içar da bandeira"

⁴ Em "Diálogos angolanos", minha dissertação de mestrado, analiso o processo de interlocução estabelecido por Agostinho Neto em seus poemas elaborados entre 1955 e 1975, através dos diversos locutores por ele construídos em função de seus respectivos interlocutores, bem como os modos de recepção da poesia do autor.

(1987, p. 141); com os sonhos e anseios de seu povo, em “Sinfonia” (1987, p. 76), e com a Mãe-terra, a natureza, os costumes e as tradições angolanas.

Nesse contexto, o projeto discursivo de **Sagrada esperança** (1974) se justifica como estratégia do autor para mobilizar a força e a resistência da população contra os ataques estrangeiros do Norte e do Sul da África, em detrimento das incompatibilidades internas. Agostinho Neto proclamou a independência de seu país a 11 de novembro de 1975, data em que, além de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola – Fapla⁵ e Presidente do MPLA, foi proclamado Presidente da República Popular de Angola. Neto morre a 10 de setembro de 1979 e, em oração fúnebre⁶ proferida por seu amigo e companheiro Lúcio Lara, assim fica politicamente perpetuada sua imagem heróica diante do povo angolano:

Unanimemente eleito Presidente do MPLA – Partido do Trabalho, galardoado com a Medalha de Herói Nacional, o Camarada Agostinho Neto imprime um ritmo acelerado à construção do novo Partido, ao Movimento de Rectificação.

(...)

Neto Amigo,
Camarada Presidente,
Camarada Comandante-em-Chefe,
O nosso juramento, há pouco feito, não será em vão.

A tua fidelidade aos princípios marxistas-leninistas será um exemplo vivo para a juventude e para os membros do Partido.

As tuas preocupações com os problemas do nosso Povo estarão nas prioridades da nossa acção.

A luz do teu exemplo iluminará para sempre a Pátria Angolana.

Adeus, Neto Amigo,
Adeus, Camarada Presidente.

A LUTA CONTINUA!
A VITÓRIA É CERTA!
(Lara, 1979)

Em introdução à 11ª edição de **Sagrada esperança**, Marga Holness traça o perfil literário de Agostinho Neto a partir da análise de seus versos:

Os poemas deste volume narram a história épica do alargamento da consciência de um povo lançado num moderno movimento de libertação. (...) O poeta sonha com a vida e a luz. (...) O seu sonho é o anseio do povo por uma vida que nunca viveu, por um sol que nunca viu. A urgência está em desenvolver o esforço supremo com vista a despoletar o heroísmo frustrado do povo. (...) A esperança consti-

⁵ As Forças Armadas Populares para a Libertação de Angola – Fapla surgiram nos anos 60, tendo como fundador e primeiro Comandante-em-Chefe o escritor/militante Manuel dos Santos Lima (Cf. Hamilton, op. cit., p. 26).

⁶ O pronunciamento da oração de Lúcio Lara, intitulada “O nosso juramento não será em vão”, ocorreu no Salão Nobre do Palácio do Povo, em Luanda, no dia 19 de setembro de 1979.

tui a inexpugnável constante da poesia de Agostinho Neto; esperança que é, essencialmente, uma fé profunda na capacidade do povo para transcender a escravidão. (...) A dor que o poeta sente provém da sua sentida identificação com a dor sentida pelo povo. Não há na sua poesia lugar para a autocomiseração ou o pranto, marcas de servidão. O futuro tem de ser criado “com os olhos secos” (...) dado que esta espécie de *leitmotiv* exprime de forma tão vigorosa a determinação e a necessidade que impregnam a obra de Neto. (1987, p. 40-42)

Por esses pronunciamentos, percebe-se que Agostinho Neto encontra-se mitificado no contexto angolano, seja popular, político ou literário. Neto é configurado⁷ – e configura-se – como o glorioso herói da independência de Angola – principalmente pelos amigos e integrantes do MPLA –, o maior líder nacional e, ainda, para muitos críticos literários, um dos grandes poetas das lutas anticolonialistas, ao lado de Viriato da Cruz e António Jacinto.

... À (IN)TENSA RECEPÇÃO LITERÁRIA

A figura do herói nacional, principalmente a de Agostinho Neto, sacraliza-se, de maneira consolidada, em registros escritos angolanos – não só literários –, desde o período das lutas de libertação. Além de inúmeras exaltações à África-Mãe e ao povo angolano, muitos são os textos em que a referência aos grandes feitos de vultos históricos se faz presente.⁸

Imediatamente após a independência, Pepetela publica, em 1978, aquela que é considerada a primeira peça de teatro angolana, intitulada “A corda”. A partir da metáfora do cabo-de-guerra, o autor traz à cena as relações político-partidárias às vésperas da independência, com o fim maior de enaltecer e/ou denegrir o desempenho de alguns vultos históricos durante as lutas de libertação. O texto, repetindo os conclames do MPLA, assim se encerra:

(Ouve-se de novo o ngoma e os chocalhos

O Likishi abraça os combatentes. Dançam
Todos juntos.)

COMBATENTES E LIKISHI (de braços erguidos, dançando):

⁷ Em consulta à página do Angola Press, veículo oficial do governo angolano na Internet, tive a oportunidade de constatar, uma vez mais, a exagerada tendência oficial, em Angola, à sacralização de Agostinho Neto, com o lançamento do segundo tomo do ensaio biográfico sobre o poeta/político, no quadro dos festejos do 44º aniversário do MPLA (10 de dezembro), que se encontra à venda na sede nacional do partido maioritário. A obra, elaborada pelo centro de documentação e investigação histórica do comité central (CDIH/CC) do MPLA, abarca o período entre 1952 e 1959 e narra as circunstâncias das duas primeiras prisões a que Agostinho Neto foi submetido pela então polícia política portuguesa “Pide-DGS” (p. 1 e 2).

⁸ Por isso, menciono apenas algumas situações literárias, mais a título de exemplificação do que de hierarquização das mesmas em relação às não mencionadas.

UM SÓ POVO,
UMA SÓ NAÇÃO!
(Cai o pano.)
Fevereiro de 1976. (Pepetela, 1978, p. 49)

Fernando Costa Andrade, por sua vez, lança poemas em **O caderno dos heróis** (1977), por meio dos quais exalta continuamente os heróis da independência. Todavia, foi pela dramaturgia que tal postura do autor adquiriu maior relevância na época, com a publicação de **No velho ninguém toca** (1979). Ndunduma, nome adotado pelo autor, faz uma apologia a Jika e ao povo angolano:

Jika pertence a Henda
a Che Guevara
pertence aos escolhidos definitiva-
[mente
pela unânime inteligência
da renovação da vida.(...)

Jika
é a labareda
e a manhã
a chuva e o germinar.

É fevereiro
e é novembro
Jika é o fogo

Ardendo

Sempre!

O ngoma bate forte e todos os figurantes, à exceção do n. 1, entram na roda do makopo e dançam com entusiasmo. Cinco minutos. Cai o pano lentamente.
Luanda, abril de 1978. (Andrade, 1979, p. 51)

No prefácio a **No velho ninguém toca**, Basil Davidson afirma que a peça “é um hino a Angola, animado pela coragem e pela confiança daqueles que se detêm para contemplar o caminho já percorrido, e o caminho que agora tem de ser percorrido...” (Andrade, 1979, p. 9).

Em **Foi esperança e foi certeza** (1979), Maria Eugénia Neto homenageia os heróis angolanos na maioria de seus poemas, dentre os quais destaco “Os heróis de quatro de fevereiro”:

Nós avançaremos
Com a força indomável da nossa vontade
Com o amor pelo nosso Povo.
Dar-es-Salaam, 4/2/1969 (1979, p. 25)

e o “Poema para Henda”:

Tu deste alicerces a este mundo novo
Onde o MPLA avançará com todo o povo

Ó filho muito querido do solo angolano
Comandante Henda – Herói Africano
Tanzânia, 5/3/1969 (1979, p. 28)

Manguxi da nossa esperança (1979) e outras publicações pautadas nesse mesmo fio discursivo emolduraram, por cerca de dez anos, os referidos heróis nacionais e a conquista da independência pelo MPLA. Nos anos 80, após a experiência do 27 de maio de 1979, iniciou-se um processo de questionamento dessas sólidas referências. Em 1989, por exemplo, Manuel Rui satiriza o funcionamento da sociedade angolana, em sua famosa novela **Quem me dera ser onda**. Já em 1993, José Mena Abrantes retoma a produção dramatúrgica angolana, manifestando, através de sua refinada ironia, um disfarçado deboche em relação ao discurso pastíchico das obras publicadas até o início de 80. Com **Sequeira, Luís Lopes ou o mulato dos prodígios**, evidencia-se a releitura/reescrita de Mena Abrantes no tocante ao momento áureo do MPLA:

ACTOR 5

— E... quase 300 anos depois ficamos realmente independentes. Não deixa de ser uma história edificante. E podemos sempre pensar que no momento da morte ele teve a revelação da bandeira rubro e negra a subir no mastro, ao som dos “monacaxitos” de Quifangondo... (Abrantes, 1993, p. 64-65)

Embora haja, até então, alguns questionamentos, via literatura, ao MPLA e a seu ícone mor, Agostinho Neto e sua **Sagrada esperança**, em obras de José Eduardo Agualusa, literariamente, se efetivará uma recepção diferenciada porque paródica, dessacralizadora do grande mito heróico nacional. Em sua coletânea poética publicada em 1991, **Coração dos bosques**, encontram-se poemas elaborados entre 1980 e 1990, por meio dos quais o autor reescreve em diferença o discurso da esperança de Agostinho Neto. Os textos revelam uma tensa dicotomia do tipo presença/ausência dos heróis nacionais e da terra (África), na condição de referentes paterno e materno. Em seu discurso paradoxal, **Coração dos bosques** encontra-se subdividido em três segmentos básicos: “Amandla”,⁹ o primeiro segmento, reúne poemas de exaltação dos heróis da independência nacional. Agualusa retoma vultos da história de Angola através da presentificação de sua força e de sua dor na luta pela construção da nação angolana. Todavia, sua elaboração discursiva remete-nos à percepção do herói nacional, após a independência, vivenciando um tipo de morte que tudo silencia, como bem exemplifica a segunda canção a Abraão Tiro:

⁹ Segundo José Eduardo Agualusa, o termo “amandla” significa luta e foi utilizado como representação metafórica das formas de resistência ao regime do apartheid, na África do Sul.

Estás agora como sempre te quiseram
Nada em ti palpita. Nada murmura.
Nem um músculo se contrai, nem a alma
Se agita. Foste, quem diria
A voz e o corpo da revolta. (1991, p. 12)

No segundo segmento, “19 poemas à terra”, dá-se a exaltação da natureza, articulada às dificuldades do cotidiano. Assim como Neto, Agualusa configura para o leitor um cenário africano em que estão presentes as buganvíleas, o deserto, o infinito céu azul, o mar, o capim e outras imagens de África. Observa-se, com essa reescrita, que a natureza, elemento utilizado por Neto como metonímia de uma África viva, voltada para a construção de seu devir e para um futuro sonhado para Angola, encontra-se presente nos versos de Agualusa. Contudo, os elementos naturais que, em Neto, corroboravam seu projeto de esperança na vida e no futuro da nação, em Agualusa estão secos, sedentos, como raízes voltadas para a melancólica realidade nacional do pós-independência. Em “Pequeno pranto saudosista”, o enunciador expressa sua nostalgia em relação a um passado em que se acreditava na possibilidade de um futuro de vida:

Tão pouco de mim me resta
nem essas aves cujo obscuro destino eu tanto amei
nem a luz...

Em “Coração dos bosques” – terceiro segmento – dá-se a explicitação dos dramas intrínsecos ao sujeito angolano do pós-independência e de sua vontade de partir – ao contrário do retorno discursivo à África-Mãe, conclamado pelos poemas de Neto –, devido ao fato de todo o esforço e heroísmo do período das lutas de independência não terem vindo ao encontro da realização dos sonhos e ideais revolucionários. Dessa forma, a poesia de Agualusa reescreve a história e as especificidades da terra e, por fim, problematiza seu próprio processo de revisitação, optando por partir e estabelecendo uma relação de repetição em diferença no tocante à “Sagrada esperança” de Neto. Em Neto, a chuva apresenta-se como signo de vida sem opressão, de realização do tão esperado futuro independente. Assim o poeta enuncia em “Aqui no cárcere”:

espero pacientemente
o acumular das nuvens
ao sopro da História
Ninguém
impedirá a chuva. (Neto, 1985, p.118)

Esse futuro sonhado por Neto encontra-se expresso nos poemas do terceiro segmento de Agualusa, correspondendo, entretanto, ao momento presente daquele

devir. E o presente que se manifesta em “Luas tantas vezes”, ao contrário do idealizado por Neto, é rodeado de lodo, medo, podridão, de musgos que se alastram sem raízes, de silêncio e de morte:

Passou-se o tempo e mais tempo se passou
 Tudo se perdeu no murmurar dos dias
 Esperámos o futuro como quem se adia
 E o futuro por que passámos não chegou!
 (Aqualusa, 1991, p. 52)

Nesse poema, a seqüência das retomadas efetivadas por Aqualusa acessa, em diferença, o discurso de Agostinho Neto. Este, visando a atingir o ideal de construção da nação, encontrava-se pautado na “Sagrada esperança” de um devir em liberdade, isento da opressão a que os angolanos estiveram submetidos durante séculos. A poesia de Aqualusa, por sua vez, aponta para uma espera que não faz mais sentido, sobretudo porque o futuro tão sonhado não chegou. Com a decepção, emerge a melancolia de se viver em um presente que ainda oprime, mesmo com a retirada dos portugueses. Em vez da esperança, as lacunas, a falta. Ou, como afirma o enunciador, “só a tua grande ausência ficou”.

O uso de um pronome na segunda pessoa do singular aponta para a possibilidade de o sujeito discursivo estar se dirigindo a um suposto modelo heróico e ao seu ideal de uma nação livre e justa, que mesmo com a independência não se construiu. Esse desencanto em relação à exemplaridade de Neto acentua-se consideravelmente nos outros textos de Aqualusa. Em obra posterior, *Estação das chuvas* (1996), por exemplo, o autor busca reconstituir a suposta biografia de Lídia do Carmo Ferreira, poeta, intelectual e mulher politizada, ao lado de grandes personalidades da história da independência angolana, como Viriato da Cruz. Paralelamente, explicita sua homenagem a Mário Pinto de Andrade, por meio de uma dedicatória à sua memória. Nesse romance, Aqualusa volta a estabelecer interlocuções com o perfil poético e político de Agostinho Neto, grande herói mítico nacional que se pretende desconstruir.

Podemos perceber que a personagem Lídia é configurada com o mesmo perfil de Neto: intelectual, poeta e política. Todavia, ao narrar a trajetória da protagonista, Aqualusa apresenta como pano de fundo a primeira fase de governo do MPLA, presidido por Agostinho Neto. O contexto retratado é de repressão, torturas e traição aos ideais das lutas de libertação nacional. Sob a liderança de Neto, o então sujeito poético oprimido pelo colonialismo português torna-se, na prática, o opressor de seus iguais. Por isso, em algumas passagens de sua vida, a protagonista é impedida de expressar sua subjetividade e sua posição político-ideológica.

Reflexo invertido de Agostinho Neto, Lídia é configurada como mulher, poeta, intelectual, política e heroína nacional do período pós-independência. Em

seu desencanto e melancolia, a protagonista questiona as relações de poder ao vivenciar a realidade do sonhado futuro independente, o período da “chuva” tão anunciada e esperada por Neto e por todos que acreditaram em seu discurso messiânico.

Em *Aqui no cárcere*, Agostinho Neto enuncia com certeza o curso da história nacional e o que, na época, correspondia ao seu devir: a independência, metaforizada pela chuva. Já no romance de Agualusa, o quadro político-social apresentado como retrato do devir esperado por Neto se distancia – e muito – do ideal de liberdade por que muitos lutaram. Assim, a chuva, metáfora da independência nacional, sofre uma inversão em seu projeto semântico e é reescrita por Agualusa como metáfora de uma estação de injustiça, opressão e desencanto, sob o comando daqueles que anteriormente lutaram à frente do MPLA. Com o intuito evidente de realizar um deslocamento, uma releitura em diferença quanto ao que acredita ser a realidade ideológica do MPLA, Agualusa busca desconstruir a sólida imagem do grande herói da independência, ao denunciar o sofrimento do personagem Zorro na prisão, assim como a detenção da protagonista:

Tínhamos visto Lídia entrar arrastada por Santiago. Para mim aquele foi o momento da verdade, o instante irreparável em que pela primeira vez me ocorreu o veneno da dúvida. Eu sabia que era Lídia (historiadora e poetisa, fundadora do MPLA, intelectual respeitada na Europa, etc. etc.). Também sabia que ela estava próxima da Revolta Activa. Mas presa? ‘Não pode ser!’, murmurei, ‘afinal é para isto que serve a independência?!’ (Agualusa, 1996, p. 189)

Além disso, explicita o confronto ideológico entre os segmentos políticos e as tensas relações raciais locais, em oposição às imagens de unidade e consolidação africanas, configuradas por Neto:

— Custa-me perguntar-te isto neste momento. Mas para nós é muito importante saber o que é que há de verdade em todas essas estórias que correm sobre a Unita. Estórias de feitiçaria, queima de bruxas, tudo isso.

Morte Súbita olhou-o longamente:

— A verdade, maninho? A verdade é que a África é assim mesmo. Vocês vivem aqui em Luanda, ouvem música americana, no Natal comem o bacalhau português, vão à praia aos domingos e pensam que isso é África. A verdadeira África está nos musseques, está no mato. E essa África é assim mesmo, não nos venham agora dar lições.

Estava febril, eufórico:

— Esta cidade está pobre. Os mulatos tomaram conta de tudo.

Zorro:

— Eu também sou mulato.

— Você também é mulato? Eu sei, maninho, você é mulato mas é como se fosse negro. Nós queremos devolver Angola ao mundo africano. Estamos a lutar pela dignidade do povo negro de Angola. Com eleições ou sem eleições vamos tomar o poder. Os dirigentes do MPLA são fracos, passam o dia a beber e a fornicar. Em três dias nós tomamos Luanda, tomamos conta de Angola. (1996, p. 261-262)

Demonstra ainda uma certa orfandade ideológica interior, diante de uma realidade ainda opressora, ao contrário dos sonhos e princípios por que todos lutaram ao lado do MPLA e da “Sagrada esperança” de um futuro melhor.

Na tensa recepção literária processada por Agualusa, verifica-se a presença de um narrador-personagem, em sua ótica jornalística, preocupado em relatar, nos mínimos detalhes, algumas nuances dessa contradição. Para tal, revela as inquietações de dissidentes diante das incoerências do governo Agostinho Neto que, paralelamente a um discurso humanitário voltado para a construção da tão sonhada nação angolana, adotava a prática de tortura dos presos políticos do país. Portanto, os processos de conceituação do herói nacional e de releitura/reescrita paródica do arquivo historiográfico angolano ocorrem, na obra de Agualusa, de maneira bem distinta da recepção literária verificada até então.

A releitura/reescrita da prática política de Agostinho dá-se, em **Estação das chuvas**, através de procedimentos intertextuais. Agualusa lança mão de registros jornalísticos (discursos presidenciais, entrevistas, manchetes de jornais) e literários para elaborar uma narrativa tensa, que procede, concomitantemente, a retomadas em semelhança e em diferença. Ao envolver a imagem positiva do político independentista Agostinho Neto pela ambigüidade paródica, o autor (certamente sem o pretender) reafirma o perfil heróico do ex-presidente, paradigma da história nacional, com a presentificação de suas falas, como sugerem as seqüências abaixo, ainda que o faça ironicamente:

Em nome do povo angolano, o Comité Central do Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, proclama solenemente perante a África e o mundo a independência de Angola. Nesta hora o Povo Angolano e o Comité Central do MPLA observam um minuto de silêncio e determinam que vivam para sempre os heróis tombados pela independência de Angola.

Agostinho Neto, em Luanda, às zero horas e vinte minutos do dia 11 de Novembro de 1975. (Agualusa, 1996, p. 15)

O Presidente falou durante quarenta minutos. Quando terminou, houve por toda a praça um instante de assombro. O Presidente estava muito direito no seu fato azul, os olhos sem brilho por detrás das lentes grossas, o sorriso triste – ou irónico? – com que sempre o víamos. O mesmo com o qual haveriam de embalsamar quatro anos mais tarde. (1996, p. 20)

Ao longo de toda a construção de seu discurso anti-heróico, o autor articula críticas a Neto, ora por meio de depoimentos da personagem Lídia, ora através do próprio narrador-jornalista:

— É verdade, (...) a FNLA procurava realçar a nossa origem pequeno-burguesa, insinuando que nenhum de nós tinha ligações às massas camponesas e que não éramos, por isso, capazes de estruturar um movimento de acção armada contra o

domínio português. Frantz Fanon, que na altura tinha muito prestígio junto da esquerda europeia, por causa do seu apoio aos independentistas argelinos, foi uma das primeiras personalidades a defender esta posição.

— Como é que o MPLA reagia a esse tipo de acusações?

Em 1962, o Partido Comunista Português conseguiu, com apoio soviético, libertar Agostinho Neto e ele foi eleito presidente pelo MPLA em Conferência Nacional, já em Kinshasa, para onde se tinha transferido a direcção do movimento. Foi claramente uma manobra para calar as insinuações da Upa. Neto era negro, era filho de um pastor protestante e contava com grande apoio popular na sua zona de origem, Catete. Além disso, sua prisão, em 1960, fizera dele um herói de carisma internacional. Em Paris chegou a correr um abaixo-assinado exigindo ao governo português que o libertasse. Sartre, por exemplo, assinou-o.

— Nessa altura ninguém contestava ainda a liderança de Agostinho Neto?

— Ninguém! Excepto, é claro, o Viriato da Cruz. O Viriato não aceitou a decisão da Conferência Nacional. Ficou louco de fúria: ‘Esse homem é um autocrata!’, gritou em plena reunião, o dedo apontado na direcção do Neto. (1996, p. 114)

Viriato da Cruz e Agostinho Neto deviam também figurar na colectânea de Mário de Andrade. Neto, embora nascido numa zona rural, era filho de um pastor protestante e a sua poesia denunciava a frequência da Bíblia e o hábito dos cânticos religiosos. Uma vez mostrara a Lídia um poema que começava assim: ‘Minha Mãe/ (todas as mães negras/ cujos filhos partiram)/ tu me ensinaste a esperar/ como esperaste nas horas difíceis/ Mas a vida/ matou em mim essa mística esperança/ Eu já não espero/ Sou Aquele por Quem se espera’.

Lídia ficou tão desconcertada com o último verso que não soube o que dizer. Levou muito tempo a perceber que um profeta, para ser autêntico, precisa apenas de se sentir autêntico. (1996, p. 84)

Na verdade, esse estranhamento da personagem Lídia diante do tom messiânico-biográfico dos versos de Neto manifesta-se em função de ser – ou dever ser – do conhecimento de um escritor o fato de que o autor não é necessariamente a sua obra/seu herói; de que o valor autobiográfico não corresponde, de imediato, ao valor estético. Em relação a esse aspecto, Bakhtin discute o processo de auto-objetivação:

(...) ou seja, no que pode ser autobiográfico no plano de uma eventual coincidência entre o herói e o autor ou, mais exactamente (pois, na verdade, a coincidência entre o herói e o autor é uma *contradictio in adjecto*, na medida em que o autor é parte integrante do todo artístico e como tal não poderia, dentro desse todo, coincidir com o herói que também é parte integrante dele. A coincidência de pessoas “na vida”, entre a pessoa de que se fala e a pessoa que fala, não elimina a distinção existente dentro do todo artístico; e, de fato, pode-se formular a pergunta: como me represento a mim mesmo? Pergunta que se distinguirá desta outra: quem sou?, no que particulariza o autor em sua relação com o herói. (Bakhtin, 1997, p. 165)

Como se percebe na releitura de Agualusa, a transcrição do suposto discurso político da personagem Lídia do Carmo Ferreira alcança, com precisão, o alvo a

ser ferinamente atingido pelo autor: a imagem heróica do político e poeta Agostinho Neto. Todavia, embora o romance **Estação das chuvas** se tenha destacado nacional e internacionalmente pela irreverente releitura/reescrita efetivada por Agualusa das ações do referido mito nacional, não se pode negligenciar o fato de que a obra corresponde a uma narrativa ficcionalmente histórico-biográfica de Lúdia do Carmo Ferreira, “historiadora e poetisa, fundadora do MPLA, intelectual respeitada na Europa etc.” (1996, p. 189). O que o narrador pretende, segundo os comentários presentes na contracapa da edição portuguesa do livro (1996), é tentar “descobrir o que aconteceu a Lúdia, reconstruindo o seu passado e recuperando a história proibida do movimento nacionalista angolano”.

Na verdade, foi na mesma atmosfera de poesia de Neto que a personagem Lúdia e seus contemporâneos militavam a favor da independência e discutiam política internacional e ações de afirmação cultural. Segundo ela, a “poesia era um destino irreparável, naquela época, para um estudante angolano” e os jovens poetas acreditavam escrever para a História, conscientes de “seu papel messiânico” (1997, p. 64). Era essa postura que subsidiava as iniciativas do grupo fundador do MPLA, conforme afirma a protagonista durante uma suposta entrevista ao narrador-jornalista em Luanda, no dia 23 de maio de 1990: “Naquele tempo éramos ainda uma meia dúzia de intelectuais sem malícia, gente de uma moral revolucionária a toda prova. Isso era o MPLA” (1996, p. 109).

O narrador, por sua vez, não só registra as posições de Lúdia como também as corrobora. Na verdade, sua cumplicidade torna-se ainda mais evidente quando relata a dura realidade da protagonista em presídios de Luanda, Rio de Janeiro e São Paulo, por meio de uma crítica ferina ao tratamento concedido ao ideal de independência, pelo MPLA, como é possível observar na suposta entrevista concedida ao narrador:

Fui presa a onze de Novembro [data da independência de Angola], nessa mesma noite. Foi o Santiago que me veio buscar. (...) Alguns dias antes telefonou-me um velho companheiro: ‘Vão-te prender’, disse-me: ‘Só estão à espera da independência. Depois prendem-te’. Respondi-lhe:

— Já estou presa.

(À revolução, ao povo, ao país. Enfim, tretas.)

Respondi-lhe:

— Bem podes limpar o cu à tua independência.

Mais tarde foi o Mário que me telefonou. Estava em Lisboa, em casa da Noémia de Sousa. Disse-lhe quase a mesma coisa:

— Esta independência já nem açaimada, meu amigo. Vai nos comer a carne e roer os ossos. (1996, p. 177)

Assim, os procedimentos adotados por Agualusa, como entrevistas, “transcrições de poemas, referências biográficas, para gerar o efeito de realidade, de enga-

no”, como afirma Léo Schlafman,¹⁰ intensificam o entrançamento entre história e ficção na narrativa, ponto alto dos romances do escritor angolano, por meio do qual ele repõe, revisita, desconstrói, problematiza a própria história e nos faz refletir sobre a questão do poder no contexto angolano. Todavia, Inocência Mata,¹¹ ao discutir essa tendência à “contaminação da ficção pela História [grifo da autora] real”, questiona “a verdade dessa História que constitui matéria ficcional”. Segundo Mata, esse tipo de escrita encontra-se eticamente comprometido, na medida em que provoca “um baralhamento do horizonte de expectativas do leitor”, principalmente em se tratando de “figuras participantes de uma História recente, trágica e dolorosa” (1997, p. 109) à qual muitos ainda reagem emocionalmente. Ao longo do romance, é possível perceber que são muitas as contradições e distorções explicitadas por esse processo de construção textual em relação aos referentes angolanos tradicionalmente sacralizados.

A partir desse repúdio à possibilidade de voltar a valorar, a acreditar nos ideais do heroísmo até então cristalizados pelo MPLA, o narrador-personagem opta por, a partir desse momento, assumir seu *locus* discursivo não mais em relação à chuva esperada e profetizada por Neto, principalmente quando o poeta afirma que “Ninguém impedirá a chuva” (1987, p. 118), mas às várias “chuvas” que, a partir da independência, passaram a assolar o antigo devir angolano.

Nesses termos, o intelectual, o poeta e o político Neto emergem desmistificados, dessacralizados, como resultado dos entrançamentos de textos e de discursos engendrados por Agualusa. O caráter ambíguo desse tipo de elaboração discursiva revela, a meu ver, um percurso curioso, configurado pelas performances do herói nas obras aqui percorridas e em outras tantas. Tornando minhas as palavras de Antônio Barreto Hildebrando, diria que Agualusa, ao traçar uma seqüência descontínua de configuração de perfis dos heróis e de outras personalidades nacionais, realiza “um deslocamento, afastando-se da figura do herói para enfocar o processo que leva à montagem/desmontagem de tal figura” (2000, p. 48). Em meio a essa trajetória em que se montam e se desmontam perfis incessantemente, é, portanto, tensa a expressão do conceito de herói nacional, uma vez que a herança épica¹² da década de 70 encontra-se, a partir dos anos 80, interferida pela concepção de uma existência trágica-

¹⁰ No ensaio “Angola em chamas”, publicado no Caderno B do *Jornal do Brasil* (22/7/2000), Léo Schlafman analisa o processo de construção da personagem Lídia do Carmo Ferreira, acentuando, em sua reflexão, aspectos relevantes da história e da literatura de Angola.

¹¹ O artigo “A verdade da literatura”, a propósito de *Estação das Chuvas*, apresenta as preocupações de Inocência Mata no tocante ao tipo de conflito a que pode levar esse contínuo entrançamento entre o real e o ficcional. Acorada nas palavras proferidas por Pepetela em um programa literário televisivo, a crítica afirma que a função da literatura fica pervertida quando o leitor não espera ficção do livro que lê. Para ela, “é temerário o escritor iludir com a obsessão do documental”, pois, nos termos de Pepetela, “o escritor tem de escrever sobre aquilo que conhece”.

¹² As heranças épicas em África têm sido bastante discutidas na atualidade. Em *Modalização épica nas literaturas africanas de língua portuguesa* (1995) e em *Epic traditions of Africa* (1999), Ana Mafalda Leite e Stephen Belcher, respectivamente, realizam importantes investigações acerca do épico africano.

ca. Ou seja, configura-se no *corpus* da literatura angolana um enunciador que oscila entre a expressão de reiteração e a de questionamento tanto do ato heróico quanto dos seus processos de construção.

Em seus estudos sobre o teatro de Aimé Césaire, Eurídice Figueiredo (1998) explicita nos processos de construção do texto dramático do autor a convivência contraditória de formas de repetição da história nacional antilhana, através de dois tipos de protagonista: o herói “chefe de Estado”, que busca construir a nação imaginada por meio da conquista da independência, fator primordial para a edificação de um país pós-colonial, tem por missão o estabelecimento de um regime político nacional e caracteriza-se por ser épico e mítico. O herói “guerrilheiro”, ao contrário, opõe-se ao regime estabelecido e, por isso, distingue-se bem do “chefe de Estado”, já que sua luta encontra-se pautada na ilegitimidade de seu próprio discurso; faz-se representar na figura do preso político, torturado até a morte. Segundo Figueiredo, esse último tipo

tem parentesco com a personagem brechtiana que Walter Benjamin chama de “herói surrado” em oposição ao “herói positivo”, personagem total que resiste impávido aos golpes da fortuna adversa. (...) hesita, comete erros, luta, é quase sempre vencido, ao contrário do herói mítico, monumental. Sua vocação trágica não é fruto de predestinada fortuna, mas de escolhas pessoais em dadas circunstâncias históricas. (Figueiredo, 1998, p. 55)

Assim, é possível afirmar que esses dois tipos de herói que coexistem na dramaturgia de Aimé Césaire aproximam-se não só do processo de montagem/desmontagem de heróis, evidenciado por Hildebrando, mas também das diferenciadas formas de reescrita/releitura que destaco em relação ao discurso poético-ideológico de Agostinho Neto à frente do MPLA.

Por conseguinte, se em termos intertextuais é possível perceber esse ambíguo movimento discursivo nas diversas obras da literatura angolana, verifica-se que o mesmo procedimento ocorre intercontextualmente, caso se comparem as produções discursivas das décadas de 70 e 90 quanto a seu caráter histórico-social, uma vez que, na literatura, os anos 90 têm correspondido a um período de desconstrução do caráter heróico – e, portanto, épico – do MPLA dos anos 70. Isso porque, ao longo do processo de sucessivas produções, os autores reinventam a relação da literatura angolana com seus próprios referentes – ou, por que não dizer, com seus cânones históricos, sociais e culturais. Nesse sentido é que a recepção do discurso literário de Agostinho Neto se dá no nível de uma tensa releitura, que se efetiva via pastiche, com a valoração de seu ato heróico, ou via paródia, visando à sua desmitificação.¹³ Todavia,

¹³ Principalmente após o lamentável 27 de maio de 1979, muitos políticos e intelectuais passaram a valorar a imagem do jovem Hoji-ya-Henda como o grande herói da independência de Angola. Todavia, no contexto literário, Neto mantém-se como referência heróica nacional, ainda que muito questionada ou até mesmo dessacralizada.

tanto em um sentido como no outro, Neto mantém-se como referente ou aquele cujo discurso político-partidário, mediado pela literatura, tem sido ambigüamente revisitado pelas gerações subseqüentes.

ABSTRACT

2002, Agostinho Neto's 80th birthday. This essay analyzes the process of the Angolan literature, in its performance as a mediator of the ambivalent literary strategies of reviewing/rewriting the heroic feature of *Sagrada esperança's* author.

Key words: Agostinho Neto; *Sagrada Esperança*; Heroic profile; African-ness

Referências bibliográficas

- ABRANTES, José Mena. *Sequeira, Luís Lopes ou O mulato dos prodígios*. Luanda: UEA, 1993.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Coração dos bosques*. Luanda: UEA, 1991.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Estação da chuvas*. Lisboa: Dom Quixote, 1996.
- ANDRADE, Francisco Fernando da Costa. *Literatura angolana* (opiniões). Lisboa: Edições 70, 1980. (Estudos – Autores Africanos).
- ANDRADE, Francisco Fernando da Costa. *O caderno dos heróis*. 3. ed. Luanda: UEA, 1980. (Cadernos Lavra & Oficina).
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *No velho ninguém toca*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: Eduff, 1998.
- HILDEBRANDO, Antonio Barreto. *O épico no teatro: entre os escombros da quarta parede*. Niterói: UFF, 2000. (Tese de Doutorado).
- MATA, Inocência. A verdade da literatura – a propósito de “Estação das Chuvas”. In: *Hoje*. Lisboa, Ano XIII, jul. 1997, p. 109.
- NETO, Agostinho. *A renúncia impossível*. Luanda: UEA, 1987.
- NETO, Agostinho. *...Ainda o meu sonho...* 2. ed. Luanda: UEA, 1985.
- NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*. 9. ed. Luanda: UEA, 1985.
- NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*. 11. ed. Luanda: UEA, 1987.
- NETO, Agostinho. *Sobre a libertação nacional*. Luanda: UEA, 1988. (Cadernos Lavra & Oficina).
- NETO, Agostinho. *Sobre a poesia nacional*. Luanda: UEA, 1988. (Cadernos Lavra & Oficina).
- NETO, Eugénia. *Foi esperança e foi certeza: poemas*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- PEPETELA. *A corda*. Luanda: UEA, 1978. (Cadernos Lavra & Oficina).
- RUI, Manuel. *Quem me dera ser onda*. Luanda: UEA, 1989.
- UEA. *Manguxi da nossa esperança*. Luanda: UEA, 1979.
- XITU, Uanhenga. *O ministro*. Luanda: UEA, 1990.